

O ALEMÃO NO RIO GRANDE DO SUL -
ASPECTOS CIENTÍFICOS E POLÍTICO-
LINGÜÍSTICOS

*Angelika Gärtner*¹

¹ Doutora em Lingüística. De 1992 a 1997, professora visitante e leitora do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico, uma instituição que é apoiada pelo governo alemão) na UFRGS, em Porto Alegre. A partir de setembro de 1997, professora na Universidade de Dortmund, Alemanha, na área de Lingüística e Língua Alemã.

Introdução: O início da minha pesquisa

Antes de entrar na temática lingüística propriamente dita queria refletir sobre algumas circunstâncias que cercaram o início do meu trabalho e da minha vida aqui, no Brasil, e de modo particular no Rio Grande do Sul.

Trabalhei e morei cinco anos e meio em terras gaúchas, de 1992 a 1997. Atuei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, como professora visitante, na área de Alemão e de Lingüística Aplicada. Cheguei no Brasil como lingüista, com doutorado obtido na Alemanha, tendo conhecimentos também na língua portuguesa, mas estudei português de Portugal – infelizmente, como fiquei sabendo logo após a minha chegada no Rio Grande do Sul. Pensei que entendia essa língua, mas logo compreendi que não sabia nada. Aprendi, por exemplo, uma pronúncia muito diferente, palavras diferentes, tipo *ananás*, sem saber que aqui existe a palavra *abacaxi*, que nunca havia ouvido antes. Ou, por exemplo, aprendi que no Brasil não se usa a forma „tu“, a segunda pessoa do verbo. Mas, especialmente, no estado dos gaúchos usa-se quase que exclusivamente „tu“ em vez de „você“, e mais complicado ainda: aplica-se a forma „tu“ com a „terceira pessoa“ na flexão verbal. Então, logo no início, fiquei muito confusa e frustrada quanto a meus conhecimentos da língua portuguesa. E a situação piorou ainda, quando comecei a dar minhas aulas na universidade: eu não entendia os alunos, nem eles me entendiam – mas todo mundo falando português.

Mas o Brasil, meu novo país, trouxe mais uma surpresa lingüística para mim. Os colegas me falaram sobre a imigração alemã no sul do país e sobre a existência da língua alemã em algumas regiões no interior do Rio Grande do Sul. O primeiro contato com esta – como pensei nessa época: minha língua – fiz em uma cidade pequena, em Harmonia. Fiquei bem contente, feliz e ansiosa de finalmente poder falar outra vez minha língua materna, o alemão, mas que surpresa: as pessoas de Harmonia falavam tão estranhamente que tive problemas para entender

algo. À primeira vista a língua falada, como ouvi, era uma mistura de tudo: de palavras alemãs em um dialeto estranho, com palavras portuguesas de uma pronúncia estranha; no fim – não entendi mais o mundo brasileiro, nem a língua alemã daqui.

Então, comecei a estudar esse fenômeno lingüístico, ocupei-me muito tempo com ele, tentando ler tudo e todas as pesquisas sobre o assunto. Finalmente, comecei a entender esse mundo lingüístico e também comecei a entender as pessoas falando aquela língua específica, chamada por mim „alemão brasilianizado“. Nessa época, este tipo da língua alemã me fascinou completamente. Logo percebi que eu tinha achado meu objeto principal de pesquisa para os próximos anos.

A partir da experiência em Harmonia trabalhei e pesquisei muito nessa área e encontrei principalmente dois pontos interessantes:

- o perfil da língua alemã falada no interior gaúcho;
- os alunos de descendência alemã que estudam alemão numa universidade, e seus problemas na aquisição da língua alemã padrão.

Nesse lugar quero citar o escritor brasileiro Zé do Rock, de descendência alemã, que nasceu em Porto Alegre, morou em Santa Catarina por muito tempo, e está vivendo há alguns anos na Alemanha. Ele escreve na sua obra „O erói sem nem um agá“ (do Rock, 1997, p. 12) sobre a língua alemã no Brasil:²

„O alemão que eu conheço é o catarinisch, o alemão de Santa Catarina, do sul do Brasil, que é um alemão de várzea, sem flexões e com quase todos os substantivos em português. Em português sulista, ainda por cima.“

O tema da língua alemã no Rio Grande do Sul também é meu tema principal de pesquisa na universidade de Dortmund, na Alemanha, onde estou atuando desde minha volta do Brasil.

A seguir, descreverei a aparência da língua alemã no Rio Grande do Sul, dividindo meu artigo nas seguintes seções:

1. a língua alemã específica no Rio Grande do Sul (com

² Interessante é que o escritor, sem ser lingüista, ocupa-se muito com a língua alemã e portuguesa, até inventou denominações diferentes: por exemplo, para o alemão uma língua simplificada, chamada „ultradoitsh“ (isto é: ultra-alemão), e para o português no Brasil o „brasilês“, defendendo o brasilês como não mais uma „ruína“ do português, mas como língua independente ou dialeto do português de Portugal.

exemplos de falantes de uma pequena cidade no interior);

2. os problemas dos alunos com alemão como língua materna, estudando alemão como língua padrão e estrangeira numa universidade;

3. a situação atual da língua alemã no Rio Grande do Sul e suas perspectivas (inclusive, sob aspectos político-lingüísticos).

1 A língua alemã específica no Rio Grande do Sul

Sabemos que os primeiros imigrantes alemães chegaram em São Leopoldo, em 1824. Hoje em dia, aproximadamente um quarto de cerca nove milhões de gaúchos (mais ou menos 2.250.000 gaúchos) têm como antepassados imigrantes alemães. Acredita-se que entre quinhentas a setecentas mil pessoas ainda entendem ou falam alemão. Essa língua, então, representa uma língua minoritária no Rio Grande do Sul, ao lado de outras, como, por exemplo, o italiano.

Os imigrantes alemães e seus descendentes que se instalaram no estado preservaram sua própria língua durante várias gerações, até que o Estado Novo, sob a ditadura de Getúlio Vargas, interrompeu este uso. Com a política de nacionalização proibiu-se o uso da língua dos imigrantes e colocou-se em movimento um processo de difusão e obrigatoriedade do português. Isso destruiu o sistema escolar alemão, que tinha, até a década de 1930, cerca de mil escolas. Após essa década, a língua alemã nunca mais voltou a ter a mesma importância.

Com a proibição do ensino de alemão, a língua dos imigrantes manteve-se apenas como meio de comunicação oral – em diferentes variações dialetais – restrito ao meio familiar e privado. Em muitas localidades da região de colonização alemã no Rio Grande do Sul existe, por isso, uma situação cotidiana de línguas em contato e de bilingüismo, na qual, às vezes, alemão e português se misturam e criam quase uma nova língua. E esta língua somente as pessoas que a usam, entendem.

A maioria das pessoas de descendência alemã, os „teuto-gaúchos“, falam um dialeto alemão que aqui, no ambiente brasileiro, chama-se „Hunsrückisch“ (cf. Altenhofen, 1996).

Na Alemanha, não se conhece a palavra „Hunsrückisch“ nesse sentido. Quanto à dialetologia germanística, esse dialeto especial não se chama assim, porém usa-se mais genericamente uma variedade dialetal denominada „Rheinfränkisch“ (*francônio do Reno*) ou „Moselfränkisch“ (*francônio de Mosela*). Não posso aprofundar aqui o significado destes termos, nem tocar no assunto a respeito das causas da denominação „Hunsrückisch“, do dialeto daqui. Trata-se de um tema muito extenso e complicado, sobre o qual os lingüistas – e também os historiadores – têm teorias próprias e que, às vezes, são muito divergentes entre si.³

Comecei a trabalhar na área, em 1994, fazendo gravações na cidade de Feliz. Escolhi essa cidadezinha por acaso – e claro, nessa época, não sabia que Feliz, um dia, se tornaria tão importante, sendo até escolhida pela Unesco, em 1998, como a cidade brasileira com a mais alta qualidade de vida. Mas em termos de pesquisa lingüística, a cidade de Feliz também representa outras cidades do interior.

O alemão mostra-se como primeira língua de comunicação em vários municípios – em alguns mais, em outros menos, como por exemplo, em Santa Cruz do Sul. E por causa desse forte papel da língua alemã, encontram-se duas línguas usadas no dia-a-dia. Isso significa – falando com a terminologia da lingüística — uma situação de **línguas em contato**, ou seja, de **bilingüismo** na vida cotidiana das pessoas: português e alemão; ou melhor: alemão e português. Por isso, ocorrem situações lingüísticas nas quais surge esta nova língua misturada entre alemão e português. Nas conversações – e quero destacar que trata-se exclusivamente de conversas informais que pesquisei – o alemão é a língua dominante. Isso significa que as conversas ocorrem em alemão, mas de vez em quando surge a língua portuguesa e, em conseqüência, certas misturas. Estas misturas bem interessantes entre as duas línguas manifestam um resultado importante da imigração alemã aqui. Não só o fato de que a língua alemã existe ainda, mas também novos desenvolvimentos lingüísticos, por exemplo, as misturas citadas. Estas contam muito quando se fala sobre a situação lingüística ou o papel da língua alemã no Rio Grande do Sul.

Em muitos casos, as pessoas bilingües desenvolvem uma

³ Da minha parte, gosto desse termo „Hunsrückisch“ e vou continuar a usá-lo nas minhas pesquisas.

consciência de sua situação lingüística específica e tematizam também o fato de misturar duas línguas. Quero apresentar nesse lugar algumas citações sobre a língua falada e misturada nos seguintes trechos de conversas:⁴

„In unsere Deitsch is schun viel Portugiesisch debei. Du spreschst wieviel mol de *palavras*, die Wärter portugiesisch. Dut ma aa schon debei spresche. Da gibt's schon *mistura*. *Alemão, português*. Du spreschst dann alsmaal etwas dabei und merkst gar net, daß de etwas dabei gespresch hoscht.“

„Des is *emistura*. A dorschenanner. Mir spresche Deutsch, de Plattdeutsch, dann noch Wärter von Hochdeutsch, und dann noch dozwise uff brasilionische Wärter, ne.“

„Zu Haus tun wir nur Deutsch spreschen, wenn ich jemand antreff, wu aa Deutsch sprischt, spresch isch Deutsch. Oder man macht en Durschenanner. Halb deutsch, halb brasilianisch.“

„Wir machen so viel Salat, ne. Ich weiß, du verstehst portugiesisch, ach, ich weiß grad nich in Deutsch, dann sach ich's portugiesisch.“

„Alles so dorschenanner. So wie die Leit spresche, do is aa viel portugiesisch das geht halb un, Wörter auf portugiesisch, dann werd so e Abkürzung gemacht, dann gibt des so halber deitsch, halber portugiesisch dorschenanner.“

Constatarei quatro tipos de misturas lingüísticas que apresentarei, devido ao espaço limitado, de forma bem resumida:⁵

1. A utilização isolada de palavras do português;
2. As misturas lingüísticas de alemão e português em uma palavra;

⁴ Trata-se de citações do meu *corpus* com várias gravações (Feliz, 1994-97).

⁵ O tema é descrito detalhadamente em dois artigos (cf. DA CUNHA / GÄRTNER, 1998; GÄRTNER / DACUNHA, 1998).

3. O uso de expressões em português;
4. Manifestações em português.

1.1 A utilização isolada de palavras do português

Freqüentemente encontram-se palavras do português isoladas, predominantemente substantivos:⁶

- Indicações de parentesco (*cunhada, sogro, nora, vovô* etc.) aparecem quase que exclusivamente extraídas do português. Por exemplo: „Mir tun des mojens hin bei de *cunhada*.“

- Numerais aparecem na maioria dos casos em português: „Isch hab *três* kilo kauft.“ „Des do is *mil novecentos e cinqüenta*.“

- Palavras que indicam aspectos técnicos ou novos avanços da técnica ou tecnologia são expressas em português (*televisão, xerox, caixa eletrônica, telefone celular, computador*): „Isch hab da *xerox* gemacht.“

- Conceitos específicos do português falado no Brasil, que indicam e descrevem acontecimentos e/ou fatos da realidade brasileira, permanecem em português (*Mercosul, Real, Plano Real, Primeiro Grau, Segundo Grau, Vestibular*): „Aber de *Segundo Grau* hat auch de *Primeiro Grau*.“

- Interjeições e advérbios em português são utilizados para inicializar uma conversação, demonstrar confirmação ou demarcar a mudança de enfoque ou tema da conversação (*olha, veja bem, isso, certo, exatamente, pronto*): „*E daí, no fim*, mir kenne net.“

1.2 As misturas lingüísticas de alemão e português em uma palavra

No âmbito da formação de palavras, representando a área mais criativa de uma língua, as classes dos substantivos e adjetivos demonstram ser mais produtivos no alemão. Os verbos são menos produtivos. Novas palavras podem ser criadas segundo os modelos principalmente de composição e derivação. Também

⁶ As citações da língua falada (extraídas de conversas) são transcritas em dialeto para manter a autenticidade.

na mistura de duas línguas podem surgir novas palavras que ampliam o vocabulário dos usuários. No final dos anos cinqüenta, Erich Fausel já publicou um exaustivo trabalho sobre essas misturas em „Die deutschbrasilianische Sprachmischung“ (Fausel, 1959). Mas passados quase cinqüenta anos, podemos constatar um progresso e uma multiplicação das palavras.

Na mistura entre alemão e português, os verbos e os substantivos aparecem aqui no Rio Grande do Sul como os mais produtivos.

1.2.1 Os substantivos

Na ocorrência de substantivos do português, as terminações são simplesmente suprimidas ou substituídas por uma declinação do alemão, de forma que muitas palavras portuguesas aparecem germanizadas. Em muitos casos também a acentuação tônica é modificada de forma a forçar a adaptação da fonética do alemão. Trata-se realmente de uma especialidade gaúcha, sendo interessante e muito importante para a lingüística:

- substantivos do português sem terminação: *investment*, *advogad*, *municip*, *biciclet*, *contrat*;
- substantivos do português com terminação do alemão:⁷ *Premje* ('prêmio'), *Milje* ('milho'), *Policje* ('polícia'), *Linje* ('linha'); *Moskitte* ('mosquitos'), *Parente* ('parentes'), *Abakatte* ('abacates'); *Batatte* ('batatas'), *Profission* ('profissão'), *Colonije* ('colônias'); *Brigerei* ('briga').

Um fenômeno lingüístico bem interessante na área da morfologia e formação de palavras é a combinação de duas palavras em uma palavra só, na qual a primeira parte é do português e a segunda do alemão. Aqui demonstram-se realmente as conseqüências lingüísticas da imigração alemã: *Suinofest*, *Chocofest*, *Choppaus*, *Choppstübl*.

1.2.2 Os verbos com a terminação „-ieren“

Nas variações dialetais do alemão gaúcho, os verbos do português que são acrescentados do sufixo „-ieren“ mostram ser excepcionalmente produtivos. Essa terminação „-ieren“ é muito usada na Alemanha nos verbos estrangeiros, porque trata-se de

⁷Deixo fora aqui a acentuação, tentando escrever segundo as regras fonéticas e gráficas alemãs.

uma terminação que, vindo do latim, entrou na língua alemã através do francês. Hoje em dia, temos muitos verbos que terminam com „-ieren“, mas a maioria das palavras não é parecida no uso e na semântica com os verbos daqui. Alguns exemplos de verbos que existem em grande número no „Hunsrückisch“ são os seguintes:

- alugiere* de 'alugar'
- incomodiere* de 'incomodar'
- dependiere* de 'depende'
- enganiere* de 'enganar'
- arrumiere* de 'arrumar'
- apostiere* de 'aposentar'
- valorisiere* de 'valorizar'
- conquistiere* de 'conquistar'
- aumentiere* de 'aumentar'
- planeschiere* de 'planejar'
- namoriere* de 'namorar'

1.3 O uso de expressões em português

Com muita freqüência nas conversas ocorrem expressões resultantes de diferentes combinações de palavras do português, utilizadas pelos falantes por razões de facilidade ou por ausência ou desconhecimento de formas similares no alemão:

- combinações nominais:
„Mein Chef hot gsaat, ja was is los no fim de semana?“
- ligações de substantivo com adjetivo:
„Vielleischt de casamento misto, awer.....“
- combinações verbais:
„Mir misse marcar hora, weest de?“
- expressões fixas:
„Mir hann zu vier hann dort gess, à vontade.“
- conceitos com conotação específica:
„Des Haus is estilo alemão.“

1.4 Manifestações em português

Em muitos casos, o falante troca o código lingüístico do alemão para o português, expressando-se breve ou longamente nesta língua. Essa categoria mostra-se muito extensa e complexa, sendo até complicada. Por isso, somente quero citar algumas possibilidades:

1.4.1 Manifestações curtas

Manifestações curtas são formadas, quase sempre, por verbos e complementos, ainda que a predominância seja de verbos na primeira ou terceira pessoa, de preferência no singular:

„Die is immer am Schaffe, não sei, des weeb ma.“

„Misse ma da drüwe hiehänge, eu acho.“

1.4.2 Manifestações extensas

Nas manifestações mais extensas que ocorrem com mais freqüência, encontrei vários tipos diferentes, como por exemplo:

- em impressões sobre a língua portuguesa:

„Und wenn die mol, agora ela sabe só falar em brasileiro.“

- na colocação de opiniões, sentimentos, emoções:

„Un um en Kurs zu mache, eu nunca tive vontade de sair de Feliz e morar em um outro estado.“

- em discurso indireto, o falante cita em português:

„Donn will isch des Auto hole, do macht niemand uff, nur der guarda: ‘Vai pegar o Chevette?’“

- nas respostas de pessoas com o conhecimento tanto do alemão quanto do português, a perguntas feitas em português:

• „Onde está o banheiro?“ „A primeira direita.“

Todos esses exemplos e tipos de misturas entre alemão e português demonstram a importância dessa „nova“ língua que surgiu e desenvolveu-se durante vários anos e décadas, até mais do que um século. Mas o problema em geral é que esta língua

não é reconhecida, principalmente por seus próprios falantes e nem por representantes da política que também têm a tarefa de apoiar e preservar aquele enorme tesouro cultural. Nós, os lingüistas que trabalham e pesquisam a língua, o bilingüismo etc., já compreendemos e estimamos.

O problema principal que vejo é que há uma opinião geral que um dialeto não representa uma língua, e somente a língua padrão vale. Mas não é assim. Um dialeto também vale tanto quanto uma língua padrão, porque o dialeto também significa a língua, seguindo só outras regras, por exemplo, fonéticas, lexicais, até, às vezes, gramaticais. Mas o que faria uma língua sem dialetos? A língua alemã consiste de dialetos, e de vários. A criação de uma língua alemã padrão há alguns séculos atrás, foi, na verdade, artificial e aconteceu por acaso. Por isso, os dialetos são muito mais antigos, têm uma história e são muito importantes; lá e aqui.

Mas todos esses fatos exigem a necessidade de tematização da relação entre a língua alemã padrão e um dialeto e, mais particular e precisamente, as dificuldades daí resultantes.

Agora vou aprofundar essa problemática através de um exemplo: alunos de descendência alemã que falam „Hunsrückisch“, nascidos no interior do Rio Grande do Sul, e que estudam alemão numa universidade para depois tornar-se professores de alemão.

2 Os problemas dos alunos com alemão como língua materna, estudando a língua alemã padrão e estrangeira numa universidade

Em São Leopoldo existe um instituto, junto à Unisinos, que forma professores de alemão: o IFPLA, *Instituto de Formação de Professores de Alemão*. Esse instituto, fundado em 1976 e apoiado pelo governo alemão, já formou aproximadamente duzentos professores e professoras de alemão até 1998. Mais ou menos o mesmo número está atuando até hoje em escolas no Brasil, principalmente no interior do Rio Grande do Sul, Santa

Catarina e Paraná.

Antes de outra coisa, devo mencionar que os alunos com conhecimentos de língua alemã como dialeto são muito mais aptos e avançados — por exemplo, quanto à compreensão auditiva — que os outros alunos sem conhecimentos. Eles têm muitas vantagens e compreendem muito melhor e mais rápido, também levando em consideração que eles „só“ falam dialeto, não a língua „certa“ — como se diz e como se pensa, infelizmente.

O problema principal é a diferença entre a língua padrão e a língua falada dialetal que os alunos sabem. Na análise de textos escritos e conversas gravadas do meu *corpus* mostram-se diferentes problemas, comprovados pelos „erros“ feitos — eu, de minha parte, evito o conceito „erro“ e falo de *divergências*. Comparando textos (da língua escrita e/ou falada, em forma transcrita) de alunos nos primeiros semestres pode-se constatar as seguintes divergências quanto à língua padrão:

- Interpunção divergente: uso errado de vírgulas, ou nenhum uso de vírgulas;
- divergências ortográficas: entre outros casos, no uso de minúsculas e maiúsculas;
- divergências ortográficas por causa da fonética: os alunos escrevem as palavras como as ouvem, mas isso, em muitos casos, não corresponde à ortografia alemã;
- divergências lexicais por uso de palavras erradas ou não-convenientes: aqui mostra-se muito a aplicação do vocabulário da língua dialetal falada que, muitas vezes, não existe na língua padrão;
- divergências gramaticais: formas verbais erradas, outras preposições, o uso errado de caso, troca de formas regulares e irregulares do verbo etc.;
- divergências sintáticas: a posição do verbo, a sequência de complementos adverbiais, a construção de orações principais e subordinadas;
- divergências morfológicas na área de formação de palavras, o que se mostra criativo e produtivo, mas infelizmente, na maioria dos casos, insólito no alemão.

Os pontos citados são os mais importantes e salientes.

Isso exige dos professores do IFPLA um trabalho especial e mais profundo nessa área, a fim de eliminar as divergências no ensino do alemão padrão.

Mas ocorre também que, no decorrer do estudo, os alunos logo percebem suas dificuldades e fraquezas, e corrigem-nas — claro, com apoio dos professores — até o final do curso. Nos textos de alunos do sétimo ou oitavo semestre, as divergências citadas não se encontram mais, ou só raramente.

O resultado então é: os alunos aprendem a língua alemã padrão, mas preservam a língua falada dialetal. Assim eles podem ensinar um alemão padrão na escola e ainda falar seu dialeto em ambientes fora da escola e do ensino, podendo também mais tarde transmiti-lo aos seus filhos, à próxima geração.

3 A situação atual da língua alemã no Rio Grande do Sul e suas perspectivas político-lingüísticas

O desenvolvimento da língua alemã desde 1824 até hoje mostra que a língua está desaparecendo. Infelizmente, os jovens das novas gerações não sabem mais falar alemão, e isso de modo progressivo. Este assunto, agora, nos leva a considerar dois aspectos diferentes, mas interligados: 1. Por um lado, trata-se da manutenção da língua falada, ou seja, do dialeto como língua de casa e família. Para conseguir isso, a família e seus membros têm que resolver a tarefa e assumir a responsabilidade. 2. Por outro lado, trata-se da aquisição da língua alemã padrão e da alfabetização nesse idioma na escola. Para conseguir isso, há a necessidade de medidas, prevenções e apoio político-lingüístico.

Para poder conservar a língua dialetal falada, é preciso convencer os descendentes dos imigrantes alemães acerca da importância de uma segunda língua na sua vida: isto é, o dialeto alemão ao lado do português. Os seguintes argumentos podem ajudar para isso:

- as vantagens do bilingüismo: saber, entender e falar uma segunda língua;
- falar, entender, preservar e transmitir a língua como um bem cultural dos antepassados.

Hoje em dia, no mundo, conta, por um lado, a *globalização*, mas, por outro lado, a *multiculturalidade* e o *multilingüismo*. Ambas as – vou chamar – „circunstâncias atuais da vida“ têm a função diretora e reguladora. Querendo ou não, temos que nos adaptar a estes fatos para ter sucesso na vida. Não mencionarei agora todas as vantagens de possuir e saber uma segunda língua materna, porque todo mundo sabe disso. Mas quero acentuar a importância da língua alemã que os filhos, netos, bisnetos etc. de descendentes dos imigrantes alemães podem ingerir com o leite materno – como dir-se-ia em alemão – e assim aprender de maneira muito rápida e fácil. Por isso coloca-se em questão: por que não aprender alemão? Do português não vem nenhum perigo, porque este representa a língua nacional, a língua dominante, e ela não influencia o processo da aquisição de uma outra língua materna, como o alemão. Do inglês também não vem o perigo, porque todo mundo aprende mais cedo ou mais tarde inglês como língua estrangeira.

Os argumentos e as exigências para a manutenção do alemão dialetal falado são:

- o alemão dialetal daqui é muito importante e vale tanto quanto a língua padrão, somente em outros sentidos e com outras regularidades;

- o conhecimento de uma segunda língua materna, observado pelos lingüistas que pesquisam profundamente essa temática, mostra-se sempre vantajoso;

- na família, na qual alguém (mãe ou pai) fala alemão, deve ser ensinada essa língua aos filhos (independente disso, se uma parte não falar alemão).

Quanto à aquisição e à alfabetização na língua alemã padrão é:

- indispensável sensibilizar e informar os filhos sobre a importância do alemão dialetal e sobre a existência de uma língua alemã padrão;

- necessário tentar enviar os filhos a uma escola onde ensina-se alemão e alfabetiza-se em alemão.

Esses últimos aspectos tratam do alemão como língua em instituições de ensino. Baseado no fato de ser possível absorver

uma formação como professor de alemão, por exemplo no IFPLA em São Leopoldo ou também na UFRGS em Porto Alegre, a possibilidade do ensino de alemão nas escolas é garantida e ainda se justifica, pelo menos no momento. Mas a idéia fundamental baseia-se em dois fatos básicos:

- a) Deve continuar a existir a possibilidade de formar professores em uma instituição como na faculdade ou universidade;

- b) O alemão deve ser integrado de alguma forma no currículo das escolas.

Como já foi mencionado, a possibilidade de um curso para estudar licenciatura em alemão (dupla com ou simples sem português) existe, de fato, pelo menos em duas universidades do Rio Grande do Sul. Mas estas universidades precisam de estudantes interessados e qualificados para continuar com o curso e – pensando a longo prazo – não provocar o encerramento do curso, ou nem pensar nisso. Isto significa que deveria haver possibilidades suficientes para atuar depois como professores e ensinar alemão em escolas de primeiro e/ou segundo grau ou, até na universidade.

No que toca a perspectivas profissionais, penso que a língua alemã tem que fazer parte do currículo das escolas, tanto de primeiro como de segundo grau, principalmente nas regiões da imigração alemã. O critério mais importante quanto à questão de introduzir (ou reforçar) o alemão nas escolas é a necessidade de alfabetizar os descendentes de imigrantes alemães para ensiná-los não somente no dialeto em casa, mas também na língua padrão. O dialeto deve ser e ficar a língua privativa, a língua padrão deve tornar-se a língua oficial e institucional, ensinada e adquirida em escolas.

Tenciono fazer, em seguida, algumas propostas concretas para integrar o alemão na escola (e tudo isso independente do papel do inglês ou do espanhol):

1. começar no primeiro grau e ensinar o alemão como matéria (pode ser chamado de língua estrangeira), entre duas e quatro horas por semana, para aprender desde o início a língua alemã padrão, continuando no segundo grau com mais horas de aula (até, por exemplo, oito horas por semana);

2. começar no primeiro grau e ensinar o alemão como matéria uma hora todos os dias, isto é, cinco ou seis horas por semana. No segundo grau não se precisa aumentar as horas, somente continuar com uma hora por dia;

3. instalar um currículo bilingüe (como, por exemplo, a escola Pastor Dohms em Porto Alegre já realiza), mas em diferentes tipos, dependendo da situação individual da escola e dos alunos; por exemplo:

a) proferir as aulas de língua, português e alemão, sempre nas duas línguas, ou seja, bilingüemente. Isto significa: quando os alunos têm aula de português, devem ter também aula de alemão. O caso ideal seria ensinar com dois professores, um que ensina português, um outro que ensina alemão na mesma aula;

b) ensinar todas as matérias na escola em português e em alemão, tendo sempre dois professores (no caso ideal) ou, pelo menos, professores de conhecimentos também da língua alemã; ou, alternativamente, um dia em alemão, outro em português.

Estou consciente de que todas essas propostas parecem um pouco provocativas e exigem apoio político e financeiro, porém a política lingüística é um ponto importante e necessário para falar, discutir, trocar idéias, até brigar. Deveria haver uma cooperação entre os políticos, os professores e representantes de descendentes dos imigrantes com conhecimentos da língua alemã.⁸

Por exemplo, na Alemanha, onde há um grande número de estrangeiros, também temos o problema de integrar as línguas estrangeiras dessas pessoas nas escolas para evitar que elas sejam somente alfabetizadas na língua alemã, tendo problemas na sua língua materna — seja turco, italiano, grego, arabês, português ou outras. Nós temos vários modelos — os quais, às vezes, funcionam, às vezes não — de como ensinar as línguas estrangeiras na escola, mas todós os modelos tentam integrar as línguas já no início do primeiro grau. O modelo normal e aplicado é que os alunos aprendem alemão na escola nas aulas regulares (*Regelunterricht*) e mais tarde, duas até quatro vezes por semana, eles são ensinados na sua língua, aulas que se chamam *Ergänzungsunterricht*, „aulas de complementação“, fora da escola. Também foram desenvolvidos modelos

⁸ Todas as minhas propostas dirigem-se aos alunos com conhecimentos de alemão dialetal, mas também podem ser aplicadas àqueles que não falam alemão de casa, porque assim vão aprender bem cedo e intensivamente uma outra língua.

pioneiros de ensinar na escola pela maneira bilingüe. Em algumas cidades alemãs já existem cursos bilingües, por exemplo, alemão e italiano, onde os alunos, alemães e italianos, aprendem as duas línguas ao mesmo tempo. Até agora as experiências são muitas boas e não custa muito mais do que ensinar só em alemão.

Mas a Alemanha, infelizmente, não se apresenta como um caso ideal no primeiro mundo. Ainda temos problemas com tudo isto. Então, está nas mãos dos gaúchos promover a melhora e até dar um exemplo para o mundo inteiro, principalmente para a Europa, onde persistem as mesmas dificuldades.

4 Conclusão

Junto às propostas colocadas, também quero lembrar que é necessário ter alemão no vestibular das universidades e oferecer, além disso, cursos de alemão nas universidades. Dois cursos como estes já existem (na UNISINOS e na UFRGS). Se todas ou, no mínimo, as grandes universidades gaúchas tivessem alemão como curso, a possibilidade de aumentar o número de pessoas com conhecimentos do alemão se tornaria melhor e assim também as perspectivas futuras de atuar como professores de alemão. Eu, pessoalmente, acho que uma universidade como a UNISC de Santa Cruz do Sul deveria oferecer alemão para aumentar e confirmar a posição e a importância desta língua na região.

Creio também que fechar, por exemplo, um curso de alemão na escola ou na universidade pode ser um erro irreversível para o futuro do alemão no sul do Brasil.

Para terminar esse artigo, quero refletir sobre a língua como cultura. Uma cultura tem que se desenvolver, continuar e mudar, isto é viver. Pessoas não deveriam interferir e tentar dirigir, reforçar ou até proibir uma evolução natural, ou seja, impedir um processo cultural. Mas para preservar uma língua podemos e temos que agir e lutar contra a extinção por falta de compreensão, meios financeiros ou políticos, conhecimento lingüístico ou social ou simplesmente interesse do lado humano.



Quero lembrar os leitores da importância dessa língua específica, existente no sul do Brasil. Quero também fazer um apelo para que o alemão brasileiro possa sobreviver e existir mais décadas e séculos nestas regiões. A tarefa é estimar a língua e, sobretudo, continuar ou começar a falar, sensibilizar cada geração de novo nesse dialeto vivo e tentar estimular e motivar a aprender a língua padrão, sem esquecer o dialeto. Se essa língua alemã daqui desaparece, também a cultura alemã transmitida desde o século passado, vai desaparecer um dia. Nós, como lingüistas, tentamos também preencher nossa parte e sempre chamar a atenção ao „Hunsrückisch“, no Brasil e na Alemanha. Mas se ninguém mais fala a língua, não podemos mais gravar, nem analisar ou pesquisar. Haverá, então, um perigo enorme de logo a língua ser extinta e, junto, a pesquisa sobre ela.

Bibliografia

- ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.
- BORN, J., GÄRTNER, A. Línguas em contato: alemão e português no Rio Grande do Sul. Resultados de uma pesquisa no IFPLA. In: *Palavra como/vida. Agenda de Linguagem - Curso de Letras (São Leopoldo)*, Unisinos, Ano 5, 41 / Julho de 1996, p. 18-22.
- DA CUNHA, J. L., GÄRTNER, A. Fatos históricos da imigração alemã no Rio Grande do Sul e suas conseqüências lingüísticas. *Cadernos do Instituto de Letras*, 17, 1997, p. 7-33.
- FAUSEL, E. *Die deutsch-brasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- GÄRTNER, A. Interferências e contato de línguas: análise e comparação de textos universitários em alemão e português. In: LIMA, M. dos S., GUEDES, P. C. (Orgs.) *Estudos de linguagem*. (Ensaio CPG Letras da UFRGS, 10). Porto

- Alegre, 1996, p. 196-212.
- GÄRTNER, A. Que tal pedir Eisbein? Die deutsche Sprache in Rio Grande do Sul, Südbasilien. In: *Sprachreport 1 / 1997*, p. 1-5.
- GÄRTNER, A., DA CUNHA, J. L. Deutsch-portugiesischer Sprachkontakt in Rio Grande do Sul, Brasilien. In: *Zielsprache Deutsch 1 / 1998*, p. 25-36.
- DO ROCK, Z. *O erói sem nem um agá (por ele mesmo)*. Porto Alegre: L&PM, 1997.